



# Mundo Verne

*La vida y obra de Jules Verne desde la óptica Iberoamericana*

1  
Setembro  
Outubro  
2007

em português

## Foi realmente Jules Verne o pai da Ficção Científica?

**Chancellor:  
Mar e  
canibalismo  
à francesa**

**Uma viagem  
à Lua pela  
mão de  
Méliès**

**Pierre-Jean:  
Um inédito  
relato de  
juventude**

## Uma nova fonte de informação para os que falam espanhol

Ariel Pérez

Começar uma publicação é sempre uma tarefa difícil. É a soma de muitos pequenos esforços, desde o desenho da imagem que identificará a revista, à decisão de que tipo de letra e estilo deve ter o conjunto das páginas que integram. Quando se assume com vontade, dinamismo e interesse o resultado tem que ser necessariamente positivo, para pelo menos, se poder classificar de válida a tentativa.

A criação de uma revista sobre o escritor francês Jules Verne (notem que escrevo Jules e não Júlio) não é algo mundialmente novo. Na Europa existem várias, e as sociedades de Verne distribuídas por alguns pontos dos planetas também têm as suas.

A novidade desta publicação é que em 2007, quase no seu final, inicia a sua vida e resulta de ser a primeira que se publicará no mundo hispano, feita para os que falam espanhol, que é já agora, a segunda língua mais falada do mundo!<sup>1</sup>

Em cada dois meses se publicará em três sites na Internet: no de este redactor, no do peruano Cristian Tello e no fórum do Yahoo que agrupa mais de 200 membros.

<sup>1</sup> Logo depois de a revista ter sido lançada em espanhol surgiu a ideia de fazer uma versão em português, sendo esta a razão por que não houve modificação no editorial.

Espero que, para cada nova edição haja mais colaborações, e que se juntem pessoas de outras latitudes a expressar as suas palavras e opiniões dentro da revista. Trabalhar-se-á para que cada número seja melhor que o anterior e espera-se que as críticas e sugestões ajudem a melhorar as futuras edições.

Nestas páginas o leitor pode não só encontrar artigos de estudo sobre o escritor gaulês, como também textos inéditos, análises detalhadas de cada elemento do universo verniano que incluem as suas obras, personagens e acessórios.

Há muito que falar de Verne, quem sabe se os que encontrarem esta revista pela primeira vez, se perguntem que conteúdo pode manter eficaz e activa uma publicação sobre um escritor que morreu há mais de 100 anos. Erram os que pensam assim. Acerca deste francês há sempre notícias e novas aproximações às análises da sua herança literária. Basta ver que em 2005 se publicaram, em todo o mundo, mais de 100 livros acerca do criador das Viagens Extraordinárias.

Seja, desde já, bem-vindo a este universo que representa o escritor, a sua obra, a sua vida, essa viagem ao desconhecido, ao mundo interior de Jules Verne ●

© 2007. Mundo Verne. Revista bimensal em castelhano e português sobre a vida e obra de Jules Verne. Número 1. Setembro - Outubro de 2007. Edição e ilustrações: Ariel Pérez. Capa: Yaikel Águila. Comité editorial: Ariel Pérez, Cristian A. Tello e Rafael Ontivero. Tradução para língua portuguesa: Carlos Patrício (páginas 8-13) e Frederico Jácome (2-7, 16). Distribuição gratuita. Correio electrónico: arielp@gmail.com. Internet: <http://jgverne.cmact.com/Misc/Revista.htm>.

## Neste número

**3** Universo verniano



A imagem... e semelhança

**4**

Uma viagem ao extraordinário



A Galera "Chancellor": Mar e canibalismo à francesa

**5**

Terra Verne



**8**

Jules Verne: pai da Ficção-Científica?

No grande ecrã



Até à Lua pela mão de Méliès

**12**

Sem publicação prévia

**14**

Pierre-Jean. Capítulo 1

Cartas gaulesas

**16**

## Morreu Jean Chesneaux

Jean Chesneaux, escritor francês e autor de um dos mais importantes livros de estudo sobre a obra de Jules Verne morreu em Julho passado com a idade de 85 anos.

Professor emérito da Universidade de Paris VII onde leccionava "História contemporânea da Ásia Oriental", era um protótipo do intelectual comprometido, presente em todos os maiores combates do nosso tempo, particularmente no que toca à preservação do equilíbrio ecológico do planeta.

Deixa como testemunho as suas duas obras que constituem referências vernianas dos dias de hoje: *Jules Verne, une lecture politique* (Uma leitura política de Jules Verne), publicada em *La Découverte* em 1982 e *Jules Verne, un regard sur le monde* (sem tradução conhecida em castelhano) que é uma actualização do livro precedente e foi publicado em 2001 por *Bayard Culture*.

Jean Chesneaux foi director da Escola de Altos Estudos em Ciências Sociais, acessor da redacção da revista *Ecologie & Politique*, e ocupava outros cargos importantes.

## A mensagem secreta de Lamy

A tradução em inglês do livro *Jules Verne, initié et initiateur* de Michel Lamy foi publicada nos Estados Unidos com o título *The secret message of Jules Verne*.

O livro original que apareceu em França em 2005 pela editora Payot, foi agora publicado com uma capa chamativa e um título comercial.

O autor do livro pretende revelar em suas páginas, que Jules Verne, suposto iniciado nas ordens maçónicas e nas sociedades Rosa-cruz, terá uma mensagem secreta em código em algumas das suas obras, em particular na obra **Clóvis Dardentor**.

Essa mensagem, de acordo com Lamy, apenas decodificada pelos historiadores, revela a chave do mistério que envolve o fabuloso tesouro de Rennes-le-Château

## Faleceu tradutor das obras de Verne em castelhano

O escritor e tradutor de muitas das obras de Verne em castelhano, Miguel Salabert, faleceu no passado mês de Julho em Espanha.

Salabert teve contribuições interessantes na tradução directa do francês em grande parte dos textos vernianos em que primou a boa qualidade, privilégio que goza o mundo hispânico dadas as péssimas traduções em outras línguas.

Também foi o autor de uma das poucas biografias sobre o autor escritas em castelhano. Trata-se do Livro "Verne, esse desconhecido" publicado em Madrid em 1976 ●



Jean Chesneaux, autor de "Uma leitura política de Jules Verne," publicado por Editores XXI em castelhano no ano de 1978

## Colaboração para este número

### Ariel Pérez



Informático. Reside em Cuba. Já publicou artigos sobre Verne em vários países. Mantém um site na Internet sobre o escritor desde 2001. É membro do Fórum

Internacional Jules Verne de Zvi Har'El e traduziu vários textos inéditos de Verne para castelhano.

### Cristian Tello



Engenheiro peruano que tem um site sobre Verne desde 2004. É um dos fãs vernianos mais activos na América latina. Foi professor de Matemática e

publicou vários livros sobre o tema. Escreveu artigos e traduziu textos de Verne.

### Alvaro Mejía



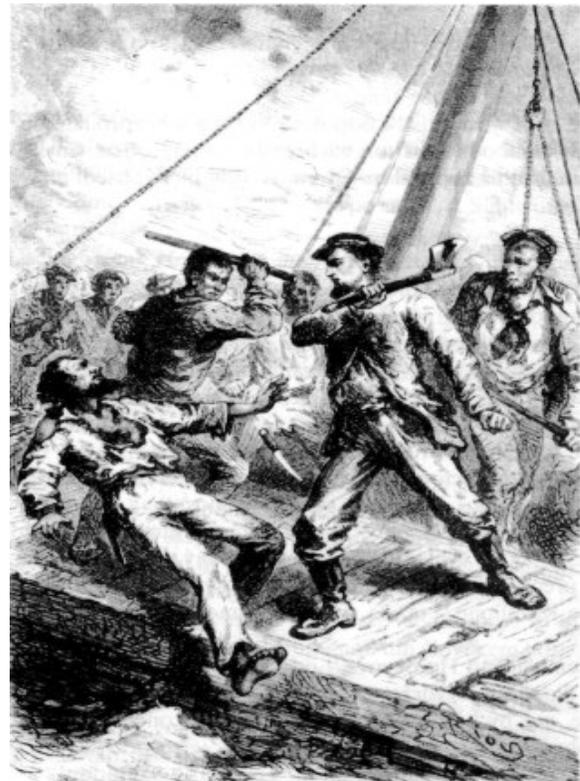
Licenciado em Comunicação. Director e guionista de cinema e televisão. Prepara um filme sobre Pedro Paulet, engenheiro peruano que descobriu os

princípios da era espacial em França no final do século XIX. Já começou a publicar a sua investigação em <http://mundopaulet.blogspot.com/>

A i m a g e m . . .



*A tempestade encontra-se no seu apogeu. O vento passou para o estado de furacão e as ondas, que são terríveis, ameaçam destruir a jangada*



*Robert Kurtis, acaba de agarrar um machado e, levantando a mão, golpeia. Mas Owen lança-se para o lado, e o machado atinge Wilson no peito*

A crítica assinalou repetidamente a falta de consistência psicológica das personagens de Verne. Mas esse aparente defeito faz parte da arte de escrita do autor, pois em muitas ocasiões a intriga argumental precisa desse carácter enigmático, impreciso e desconhecido da personagem, envolvendo-nos numa aura de mistério e secretismo inerente ao relato.

Em A Galera 'Chancellor', a tendência de julgar como esquemáticos as personagens de Verne está claramente patente. O narrador fala dos passageiros do barco, classifica-os e define-os numa primeira observação. No seu relato, Verne recorre a um método que lhes é muito comum: a interpretação psicológica a partir dos traços físicos.

Este método faz com que se atribuam qualidades às personagens a partir das quais se explicará o seu comportamento, e tendo em conta as duríssimas provas que deverão submeter-se os náufragos de A Galera 'Chancellor', era necessário a presença de alguém que levasse sobre os seus ombros a responsabilidade de os dirigir.

O capitão Huntly que é apresentado como

um homem que carece de inteligência e energia, qualidades exigidas num posto como o dele, cede o comando do 'Chancellor' ao segundo comandante de bordo, Robert Kurtis, "um homem de trinta anos, bem constituído, de grande força muscular, sempre em atitudes de acção cuja vontade vivaz, parece estar disposta a manifestar-se, sem cessar, através dos seus actos".

Robert Kurtis acaba de subir neste momento ao convés e eu observo-o atentamente –disse J. R. Kazallon– "Surpreende-me a sua força e vivacidade. O corpo rijo, o aspecto desembaraçado, o seu olhar soberbo."

É, portanto, debaixo desta óptica "um homem energético, que deve possuir uma coragem indispensável como um autêntico marinheiro e ao mesmo tempo ser bondoso", e o seu comportamento na obra vai responder a este juízo inicial, aquando da liderança do grupo de náufragos perante as penúrias da fome, da sede, das terríveis condições climáticas como as tormentas, tempestades, do ataque dos tubarões e incluindo, quando tem que enfrentar a rebelião a bordo para destitui-lo do comando ●

. . . e s e m e l h a n ç a

## A Galera “Chancellor”: Mar e canibalismo à francesa

Cristian A. Tello

### A jangada da Medusa

Em 17 de Junho de 1816, a fragata Medusa juntamente com outros barcos, partiu da ilha de Aix rumo à costa de Dakkar no Senegal, levando consigo um grupo de colonos franceses. Durante o trajeto, e depois de uma escala em Tenerife, a frota dispersou-se por acção dos ventos e da inexperiência dos seus navegantes, provocando o isolamento da fragata. A Medusa naufragou ao largo das costas africanas, pelo que se decidiu construir uma jangada com as suas madeiras.

Durante duas semanas os sobreviventes do naufrágio foram padecendo todo o tipo de calamidades, tormentas, ondas altas, a morte, e sobretudo, a fome, a sede e a forte exposição solar que os ia aniquilando. A única solução foi também a mais terrível, os cadáveres que a cada dia se iam somando, era aproveitados para alimento dos demais. Das cinquenta pessoas que no princípio estavam na jangada, sobreviveram apenas quinze, que foram recolhidas pelo barco Argus.

O naufrágio da Medusa emocionou a opinião pública francesa, devido ao egoísmo da oficialidade aristocrática da monarquia de Luís XVIII ao abandonar à sua sorte grande parte da tripulação.

A notícia caiu também entre os intelectuais e os artistas da época, sendo essa a razão pela

qual o pintor Théodore Géricault decidiu pintar em 1819, *La balsa de la Medusa*, um famoso quadro de quase cinco metros de altura e mais de sete metros de largura, que representa com grande realismo esta fatalidade considerada como uma das mais arrepiantes na história da França.

Dada a predilecção literária de Verne pelos ambientes marinhos, não é de estranhar que o autor se inspire na história real da Medusa para escrever *A Galera ‘Chancellor’*, ainda mais quando o tema naufrágio ocupa um lugar significativo na sua narrativa; obras como *A Ilha Misteriosa*, *Os filhos do Capitão Grant* e *A Esfinge dos*



*Gelos* são um claro exemplo disso. O interesse de Verne por este relato é - se reflectido num a das suas cartas ao editor Hetzel: “Será uma obra de um realismo espantoso... não acredito que jangada da Medusa tenha produzido algo assim de tão terrível.”

O tema do naufrágio e o canibalismo foi também tratado por Edgar Allan Poe em *As Aventuras de Arthur Gordon Pym* (conhecendo a admiração de Verne pelo autor norte-americano, é fácil compreender a sua influência para a obra), em que um dos sobreviventes de um naufrágio, com o estilo próprio de um diário, conta as torturas que padeceu a bordo de uma jangada perdida no oceano.

### Os passageiros

No começo da viagem, o Chancellor tinha oito passageiros e vinte tripulantes, é o mesmo que dizer, vinte e oito pessoas a bordo.

1. J. R. Kazallon de Londres, autor das notas da viagem.
2. O senhor Kear, 50 anos, americano de Buffalo, é um homem egoísta e vaidoso enriquecido com a exploração de depósitos de petróleo. Deixando a sua esposa enferma, abandona o Chancellor num bote salva-vidas durante uma das noites do naufrágio.
3. A senhora Kear, 45 anos, morre em consequência da fome e da sede.
4. A senhorita Herbey, 20 anos, inglesa, dama de companhia da senhora Kear.
5. O senhor Letourneur, 55 anos, francês de El Havre padece de grandes sofrimentos ao auto culpar-se pela enfermidade natural do seu filho.
6. André Letourneur, 20 anos, aleijado da sua perna esquerda desde nascença, viajou junto do seu pai por muitos lugares da Europa e América.
7. William Falsten, inglês, 45 anos, engenheiro de Manchester que passa a maior parte do seu tempo absorto em cálculos mecânicos
8. John Ruby, comerciante inglês de Cardiff enriquecido pelos seus negócios, nos quais sempre ganhou vantagem. Enlouquece ao saber que a sua mercearia se perdeu no incêndio de Chancellor e morre rodeado pelas chamas que consomem o barco.

## Características e estrutura da obra.

A **Galera 'Chancellor'** foi publicada por fascículos sucessivos em *Le Temps*, de 14 de Dezembro de 1874 a 24 de Janeiro de 1875. Em Fevereiro desse ano, a obra aparece publicada em livro com o título **O 'Chancellor', diário do passageiro J. R. Kazallon**, junto com **Martín Paz**, um dos contos de juventude do autor.

Para a elaboração desta obra escrita entre 1870 e 1874, Verne utiliza a técnica do diário, muito usual na literatura do século XIX, mas caída em desuso nos nossos dias. É a mesma que utiliza Poe em **Um manuscrito encontrado numa garrafa**, relato que Verne usaria de referência ao escrever a sua obra. Esta técnica justifica que os factos se transmitam ao leitor desde a observação única de uma personagem e contribui para dotar de maior veracidade a narração.

Verne realça nesta obra o tema do canibalismo com a intenção de nos mostrar o afrontamento que se pode produzir entre os valores morais e os instintos irracionais propícios de uma situação em que se procede a um conflito de interesses entre o instinto de sobrevivência e as razões éticas, isto é, a luta entre a carne e o espírito, o dilema entre a civilização e a barbaridade. É quiçá por esta razão que **A Galera 'Chancellor'** não foi uma das suas obras mais conhecidas, pois encontra-se entre as obras menos reeditadas do autor.

Apesar da amenidade e interesse do relato, **A Galera 'Chancellor'** não encaixa num protótipo predefinido das Viagens Extraordinárias, já que não é uma obra científica embora os detalhes científicos não estejam ausentes; tão pouco é um relato de antecipação e torna difícil classificar-se como obra juvenil.

É apenas uma obra de aventuras marinhas composta por cinquenta

e sete capítulos não titulados, que sobressai pelo seu conteúdo ético, e que hoje em dia foi injustamente esquecida.

## O argumento.

La história começa a 27 de Setembro de 1869 quando o Chancellor, um barco à vela, zarpa de Charleston na Carolina do Sul, com destino a Liverpool na Inglaterra, para realizar uma viagem que não chegou a concluir. Transportava uma grande quantidade de algodão cujo formato estava adaptado ao transporte deste material. A tripulação do barco era composta por vinte homens distribuídos entre oficiais e marinheiros. A lista era completada por oito passageiros entre os quais se encontrava J. R. Kazallon de Londres, o autor das notas da viagem.

A poucos dias de navegação, alguns passageiros observam que o barco leva uma rota inexplicável pois navega em direcção sudeste quando deveria viajar para nordeste. Apesar da inusual rota efectuada pelo capitão Huntly, ninguém se atrevia a reclamar.

Pouco depois, a carga de algodão que o barco levava, começa a incendiar-se, mas a falta de oxigénio

## Capas das edições francesas



## Os tripulantes

1. John Silas Huntly, 50 anos, escocês de Dundee. Capitão do Chancellor, que pela sua cobardia, decide entregar o comando do barco ao segundo comandante. Escapa juntamente com o senhor Kear e alguns marinheiros num bote salva-vidas.
2. Robert Kurtis, 30 anos. Sendo o segundo comandante do Chancellor, assume o comando que lhe foi entregue pelo capitão Huntly. Graças ao seu carácter energético e bondade, os náufragos puderam organizar-se e tolerar melhor as suas penúrias.
3. Walter, 24 anos. Tenente. Morre por causa de uma febre e de uma infecção tuberculosa.
4. El bosseman o contramestre.
5. Hobbart. Mordomo
6. Daoulas. Carpinteiro
7. Jynxtrop. Cozinheiro negro.
8. Outros marinheiros: Owen, Flaypol, Burke, Sandon, Austin, Wilson, O'Ready e outros até enumerar vinte.

no porão evita que o fogo se propague rapidamente, razão pela qual os passageiros não sabiam do perigo que corriam.

No início tenta-se dominar o sinistro, regando o convés do barco, e tapando todas as frinchas por onde passa o oxigénio para o porão. Mas os esforços são inúteis, e quando a verdade se descobre é mais terrível do que o que se esperava, já que John Ruby, um dos passageiros, introduziu a bordo entre as suas coisas, uma certa quantidade de um material explosivo que permanecia no porão. Ao saber a notícia, surge o pânico entre a tripulação, facto que ajuda à propagação do fogo.



*O Chancellor, barco inglês à vela com três mastros*

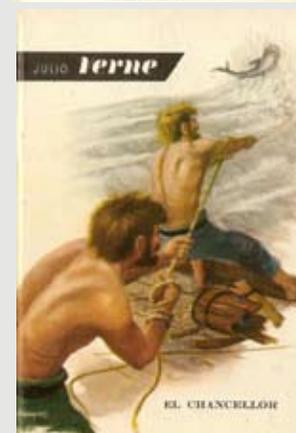
No final, as chamas chegam ao convés do barco, e o capitão Huntly, um homem débil, abandona o comando da navegação. Nestas circunstâncias, o segundo comandante, Robert Kurtis, assume o controlo do Chancellor. Entretanto, o comerciante Ruby, num acto de loucura, culpa-se do perigo em que pôs todos os passageiros ao transportar clandestinamente o "picrato de potássio", e atira-se para o fogo que consome o barco. É o primeiro a morrer.

Com muita sorte, o Chancellor encalha numa ilhota de origem vulcânica similar à famosa gruta de Fingal na Escócia. É neste recife não assinalado nas cartas marítimas, que os tripulantes conseguem apagar o incêndio com a inundação parcial do barco. Mais adiante, e depois de vários dias de reparação, o Chancellor volta a navegar em busca de terra mais perto.

Depois de uns dias em alto mar, o barco começa a encher-se novamente de água e os sofridos ocupantes entram novamente em desespero; e antes de se afundarem, o capitão Huntly juntamente com o senhor Kear e mais três marinheiros "escapam" a bordo com o único bote disponível. Os vinte e dois ocupantes que restam no barco vêem-se obrigados a construir uma jangada e a lançar-se numa aventura. Mas antes de embarcarem na viagem, morre a senhora Kear e outros três marinheiros. Serão então dezoito os que vão submeter-se ao canibalismo uma vez que as provisões escasseiam. Passam muito tempo na jangada; as poucas provisões de que dispõem não tardam a acabar. Só uma chuva celestial e algumas pescas milagrosas os salvam da morte. A bordo todos morrem de fome, chegando ao ponto em que os sobreviventes se dedicam ao canibalismo. Suportam também terríveis tempestades que acabam com a vida de outros marinheiros. A rebelião não tarda a manifestar-se mas o carácter energético de Robert Kurtis e seus homens põe fim ao motim.

Muitas tentativas fracassadas de caçar algum tubarão só os levaram a desperdiçar energia. Com o passar dos dias suportam grandes penúrias. Quando tudo parece perdido, na manhã de 27 de Janeiro de 1870, J. R. Kazallon descobre que a água do mar é doce. Não vêem terra, mas encontram-se perto da foz do rio Amazonas. Estão salvos! ●

### Capas das edições castelhanas



### Bibliografia

- Constantino Bértolo Cadenas. Apêndice do "El Chancellor". Hyspamérica Ediciones, Madrid, 1983.
- Ariel Pérez. Los mundos conocidos y desconocidos. El Chancellor. Disponível em: <http://jgverne.cmact.com/VE/Chancellor.htm>.
- Wikipedia. The Survivors of the Chancellor. Disponível em [http://en.wikipedia.org/wiki/The\\_Survivors\\_of\\_the\\_Chancellor](http://en.wikipedia.org/wiki/The_Survivors_of_the_Chancellor)
- Armando Maronese. La balsa de la Medusa. Disponível em: <http://www.redaccion-digital.com.ar/indice.htm>

## Jules Verne: pai da Ficção Científica?

Ariel Pérez

Terra Verne

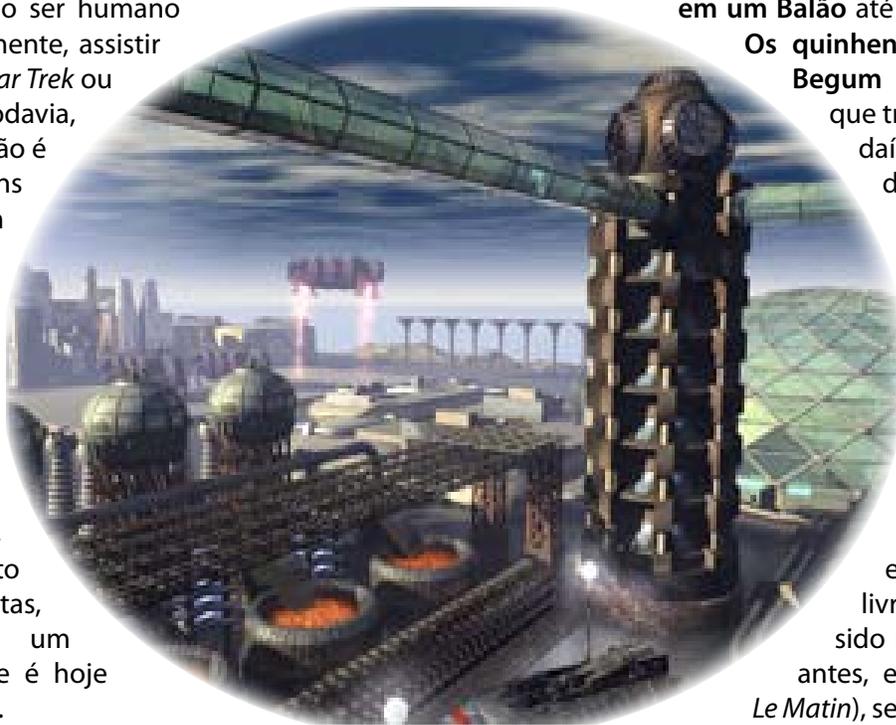
Para muitas pessoas, hoje em dia, a Ficção-Científica se constitui numa série de películas cinematográficas sobre seres extraterrestres e a interação do homem com essas estranhas, diabólicas e horrendas criaturas que nelas abundam. Significa, também, viajar ao espaço, projetar-se no futuro e ver elementos da vida cotidiana que o ser humano não concebe atualmente, assistir *War of the Worlds*, *Star Trek* ou *Starship Troopers*. Todavia, a Ficção-Científica não é isto. Apesar de alguns argumentos que ela, em si, é mais antiga do que as histórias de Jules Verne e os romances espaciais de Herbert George Wells, o certo é que, no século XIX, diante do impacto das novas descobertas, se experimenta um crescimento do que é hoje esse gênero literário.

Ainda que esse nome tenha se originado em 1929, existe um conjunto de narrativas anteriores que podem ser consideradas precursoras dessa temática.

A isto, podemos chamar "Proto Ficção-Científica". Já no século XVII haviam começado a escrever-se as primeiras histórias. Mesmo em um ano longínquo como 175, aparece a paródia das falsas narrativas que Luciano de Samosata fez em **Uma história verdadeira**, onde aparecem viajantes que são engolidos por uma baleia, viajam até a Lua e participam da primeira batalha espacial em nosso satélite, após encontrarem-se com um grande

número de fantásticas criaturas.

Mas, o que é Ficção-Científica? Ainda não se chegou a um consenso sobre sua definição e são muitos os que têm tratado de fazê-lo. Especular com a Ciência e as possibilidades que ela nos apresenta é uma de suas principais funções e maiores atrativos. Isaac Asimov, conhecido



*A exploração de outros planetas, o contato com novos tipos de vida e outros temas similares são explorados pela Ficção-Científica moderna, sobretudo nos filmes.*

divulgador científico e prolífico autor do gênero, a definiu, décadas atrás, como "O ramo da Literatura que trata da resposta humana às mudanças no nível da Ciência e da Tecnologia", enquanto David Pringle a visualizava como "...uma forma de narrativa fantástica que explora as perspectivas imaginativas da Ciência moderna".

Foi precisamente explorar sua imaginação e o que dela se derivou que levou o escritor Jules Verne

(1828-1905) a escrever mais de 60 romances que formam parte de uma coleção que entrou para a História com o nome de Viagens extraordinárias. O conjunto de textos que compõem a série tem sido dividido freqüentemente, para seu estudo, em duas etapas. Uma primeira, que vai desde se primeiro livro publicado **Cinco Semanas em um Balão** até a publicação de **Os quinhentos milhões da Begum** e uma segunda

que transcorre a partir daí até a última de suas novelas

**A espantosa aventura da missão Barsac**, modificada amplamente por seu filho Michel e que foi publicada postumamente em formato de livro em 1919 (havia sido impressa 5 anos antes, em capítulos, no *Le Matin*), sendo baseada em rascunhos de uma história planejada por seu pai.

Na imensa maioria das ocasiões em que se cita Jules Verne só se o faz para recordar as fabulosas

máquinas ou invenções que mais

***"A Ficção-Científica é uma forma de narrativa fantástica que explora as perspectivas imaginativas da Ciência moderna"***

tarde acabariam se convertendo em realidade. Cito aqui o submarino, o helicóptero, o telefone, o fonógrafo e tantas outras. Porém, na realidade, ao escrever suas histórias seus propósitos distavam muito de fazer apenas romances de antecipação. Muitas das suas "invenções" já estavam prefiguradas em narrações de outros escritores, ou seja, eram ideias que fluíam no ambiente científico da época. É importante dizer que o seu verdadeiro projecto de escrever sobre a Ciência resultou de algo verdadeiramente renovador, superando assim as obras anteriores vernianas que tinham profundos cortes satíricos, filosóficos e utópicos mas nunca pretendendo fazer Literatura a partir da Ciência.

As Viagens Extraordinárias resultam, na sua essência, de obras científicas, e o seu editor define muito bem na publicação de **Viagens e Aventuras do capitão Hatteras**, quarto número da série, pela primeira vez perante o grande público, as intenções reais da colecção que pretende "resumir todos os conhecimentos geográficos, geológicos, físicos e astronómicos da ciência moderna, e transmitir, de forma atraente e pitoresca, a história do Universo."

O fio principal de cada um dos relatos gira sobre o ciclo: hipótese inicial – meios e factos para demonstrá-las – demonstração da hipótese. Em geral, as dificuldades que as personagens encaram têm uma solução científica, quase sempre feliz. Por outro lado, quase todas as obras que integram a colecção desenrolam-se, mais ou menos, num período similar à que se escreveu. Só **Paris no século XX** – publicada na capital francesa em 1994 e que

se desenrola 100 anos depois de ter sido escrita – e os contos **O dia de um jornalista no ano de 2889** e **O eterno Adão** (onde volta a entrar em cena Michel que reescreve o texto original intitulado **Edom**) saem dessa

***"As obras de Verne estão carregadas de um grande carácter pedagógico e a sua missão principal é criar um espírito científico tanto no leitor, como no protagonista juvenil da época"***

constante.

A obra publicada há uns dez anos levantou novas polémicas nos círculos vernianos, sobretudo por ter sido a segunda obra do escritor e por estar pronta para ser publicada



em 1863, logo depois do êxito **Cinco semanas em balão**. Hetzel, o editor de Verne, rejeitou-a e manteve-a num cofre mais de cento e trinta

anos. A análise das tendências emergentes, do que deveria ser a obra de Verne e não foi pela rejeição do seu editor, é um assunto muito extenso e poderá ser parte de um estudo mais seguro e especializado.

Enquanto ainda se debate sobre a possibilidade do seu filho Michel ter escrito originalmente o conto cuja história se situa no século XXIX, a acção, neste caso, passa-se um século depois da sua escrita. Apesar desta última obra se tratar de uma história "rara" que também se passa no futuro, saindo dos temas vernianos comuns, centra-se em temas mais filosóficos tais como o aproveitamento e o recomeçar da vida.

Em geral, as obras de Verne estão carregadas de um grande carácter pedagógico e a sua missão principal é criar um espírito científico tanto no leitor, como no protagonista juvenil da época. Neste sentido, muitas das obras que formam a colecção, entram nesta categoria de obras iniciadoras. Nestas obras, um determinado personagem ou personagens, incluindo o próprio leitor, inicia-se no mistério, perde-se na aventura e penetra no espaço preparado para ser avaliado, como uma espécie de jogo. É a mesma ignorância que um principiante – o científico, o maestro de cerimónia – atravessa numa série de provas (o abismo, a sede, a perda...) das quais sai vitorioso e, desde logo, "convertido".

A Ciência presta serviço à ficção. Este é o componente predominante em grande parte das suas obras, e são os Nemo, Robur, Phileas Fogg, Hatteras, Paganel, Barbicane, entre outros, quem colocam as suas invenções à frente de qualquer ser humano, seja para seu benefício ou dano. Um notável exemplo do uso da Ciência na obra verniana é o **Nautilus de Vinte mil léguas submarinas**,

onde a electricidade gerada pela água proporciona iluminação ao submarino, e a electricidade gerada pelo aquecimento do carvão do fundo do mar é utilizada como força motriz da máquina. Os naufragos de **A ilha misteriosa**, por exemplo, não tinham sobrevivido sem a ajuda dos conhecimentos científicos (sobretudo da química) e do sentido prático de Cyros Smith, um engenheiro que, por razão do seu saber técnico e científico, converte-se no indiscutível líder da aventura.

Em **Da Terra à Lua**, apresenta-se um trio de homens que põe em prática, desconhecido até esse momento, o lançamento de um "foguetão" à Lua, que resulta ser um enorme projectil, propulsado através do

*Columbiad*, um gigantesco túnel-canhão instalado nas proximidades da base espacial norte-americana conhecida, nos nossos dias, como Cabo Canaveral. No livro são feitos todos os cálculos matemáticos necessários para determinar qual a velocidade necessária para que o projectil abandone a órbita terrestre que, neste caso, coincide com a velocidade inicial necessária para que possa atravessar a atmosfera.

As descrições em muitas das suas obras parecem lidar melhor com as aplicações tecnológicas da ciência na vida humana. Verne, por natureza, um escritor dotado de habilidade para escrever histórias, e de forma mais notável nos seus primeiros anos de escritor, não tinha a intenção de

eleva o que escrevia à verdadeira ficção científica. O contraste com Wells é notável. O conceito, por exemplo, da quarta dimensão, tomou forma matemática à volta da década de quarenta do século XIX. Herbert



Herbert George Wells em 1922.

Verne fala a cerca de Wells ao ser interrogado sobre a semelhança de seus textos: "Alguns de meus amigos têm me dito que seu trabalho se parece muito com o meu, mas creio que se enganam. Eu o considero um escritor puramente imaginativo, digno dos maiores elogios, mas nossos métodos são completamente diferentes. Minhas pretensas "invenções" são idealizadas sobre uma base de fatos reais, utilizando métodos e materiais que não ultrapassam os limites dos conhecimentos técnicos contemporâneos. Por outro lado, as criações do senhor Wells pertencem a uma época e um grau de conhecimento científico bastante adiante do presente, para não dizer o mais completamente além dos limites do possível. Não só elabora seus temas a partir do reino do imaginário, como também os elementos que servem para construí-los. Por exemplo, em seu romance **Os Primeiros Homens na Lua**, ele apresenta uma substância antigravidade completamente

nova, da qual não conhecemos a menor pista, a mais pálida idéia de sua preparação, obtenção ou composição química real. Tão pouco faz referência a conhecimento científico atual que nos permita, por um instante, imaginar um método no qual se alcançasse esse resultado. Em **A Guerra dos Mundos**, uma obra pela qual sinto grande admiração, novamente nos deixa às escuras quanto a natureza real dos marcianos, ou a forma com que fabricam o maravilhosos raiotérmico com o qual provocam grande destruição entre os seus inimigos. Que se tenha em conta que ao dizer isto, não estou, de modo algum, questionando os métodos do senhor Wells; ao contrário, sinto um grande respeito por seu gênio imaginativo. Apenas exponho os contrastes que existem entre nossos dois estilos e assinalo as diferenças fundamentais que existem entre eles e desejo que se entenda claramente que não expresse nenhuma opinião sobre suposta superioridade de um sobre o outro"

pegou nesta ideia e, com o seu poder imaginativo, escreveu em 1895, uma das mais melhores histórias de ficção científica de todos os tempos, **A máquina do tempo**. Verne não usou esta informação, pois teve, muito provavelmente, achado absurda a noção de uma quarta dimensão.

Numa entrevista a Verne, ao ser questionado sobre a relação das suas obras com as de Wells, o francês expressou as suas ideias e razões nas quais argumentava a diferença entre os seus estilos e formas de focar as suas histórias.

É certo que a parte científica tem um papel fundamental e principal nas suas obras. Até as suas obras mais puras, como **Michel Strogoff** e **A volta ao mundo em oitenta dias**, tem enigmas científicos. No caso da primeira, as lágrimas nos olhos do protagonista que o salvam da cegueira. Na segunda, o avanço de uma hora na viagem, foi provocado

***“Se bem que Verne  
é um precursor, Wells  
é o verdadeiro  
fundador e pai do género”***

pela mudança de meridiano.

Verne não era cientista, porém estava muito bem informado com as novidades científicas e tecnológicas do seu tempo. Era um assíduo visitante das diversas bibliotecas especializadas e tirava bastantes notas em pequenas fichas pessoais que o tornavam um perito nos temas que logo utilizava nas suas obras. É possível que lhe tenham dado um papel erróneo de “inventor” em alguns artefactos que aparecem nas suas obras mas que, simplesmente, são elaborações e reflexos literários de algo já existente na época e que Verne conhecia através das suas pesquisas nas bibliotecas e pelos contactos com os seus amigos cientistas e exploradores.

Falar sobre a Ciência era obrigatório quando Verne escrevia as suas histórias com a divulgação dos conhecimentos científicos da época aplicados a projecções futuras. Mas, a esta altura, cabe-se perguntar, é Jules Verne o pai da Ficção-Científica? Muitos acreditam que sim e o francês manteve esse título por muitas gerações.

Todavia, o contraste enquadra este escritor num género que apenas está presente numa parte da sua obra, que tem por objectivo descrever o mundo através da própria natureza. Pela opinião deste redactor, não há motivo para que se apresente ao mundo e aos nossos futuros descendentes, o papel de pai de uma temática que não teve, aparentemente, intenções de desenvolver. Em todo o caso, bem que o poderíamos chamar “pai da ficção tecnológica”.

Com as suas obras de antecipação, leitura obrigatória de qualquer escritor de ficção científica, o francês Jules Verne poderia vir

a ser considerado o iniciador cronológico do género, mas é mais acertado dizer que é Herbert George Wells quem determinará mais decididamente o futuro através de uma maior riqueza de temas. Os dois escritores estavam absorvidos pelo pensamento científico da época e sabiam obter um difícil equilíbrio entre a ilusão das obras com a verosimilhança científica. Ambos escreveram relatos de aventuras “extraordinárias” onde tentam que os seus leitores se interroguem sobre as contribuições e futuras conquistas da Ciência e tecnologia. Quiçá se a diferença mais importante seja que as especulações de Verne têm uma vertente essencialmente tecnológica, enquanto que as de Wells incorporam elementos das ciências sociais e da filosofia. Se bem que Verne é um precursor, Wells é o verdadeiro fundador e pai do género ●



*Na obra de Verne abundam as obras de aventura no seu estado mais puro e os seus melhores exemplos são “Miguel Strogoff” e “As atribuições de um chinês na China”.*

### Bibliografia

- David Pringue. “¿Qué es la Ciencia Ficción?”. Em “Ciencia Ficción. Las 100 mejores novelas”. Ediciones Minotauro, Barcelona, 1990, pp. 11-21
- Miquel Barceló. “La evolución histórica de la Ciencia Ficción”. Em “Ciencia Ficción. Guía de lectura”. Ediciones B, S. A., Barcelona, 1990, pp. 63-97
- Ariel Pérez. “¿Inventor o visionario?”. Em “Viaje al centro del Verne desconocido”. Disponível em: <http://jgverne.cmact.com/Articulos/Inventor.htm>.

## Até à Lua, pela mão de Méliès

Álvaro Mejía

O grande e cur

Ainda hoje em dia se discute se o homem verdadeiramente pôs os pés na Lua. Para alguns o que o mundo viu pela televisão no dia 20 de julho de 1969 não foi mais do que uma cena armada. Houve até um documentário que pretendia prová-lo, intitulado "Operação Lua". Logo se viu tratar-se de um falso documentário (*mockumentary* é a palavra inglesa que designa o "gênero"), no qual personagens como Henry Kissinger ou a viúva do cineasta Stanley Kubrick se prestaram ao "serviço", esta última afirmando até que o autor de "2001: Uma Odisséia no Espaço" havia dirigido aquela grande farsa.

Não obstante o seu caráter de "brincadeira", a única coisa que sabemos hoje é que não temos nenhuma certeza da verdade do acontecimento. Por isso, diante do compromisso de escrever uma publicação sobre o mundo de Verne, a mim, que não sou cientista nem expert na obra de Verne, desejo falar da ilusão. Que outra coisa é o cinema? Assim, vão aqui alguns comentários provocados pelo primeiro "antepassado filmado" da chegada do homem à Lua. Neste caso, a **Viagem à Lua** (*Le Voyage dans la Lune*), de George Méliès.

Exibido em 1902 foi o primeiro filme de Ficção-Científica da História. É interessante saber que foi realizado enquanto Verne e H. G. Wells, os chamados pais do gênero e cujos trabalhos o inspiraram, ainda viviam. O cinema, nascido de uma



*Imagem do filme do cineasta francês que percorreu o mundo como o símbolo de um dos primeiros filmes feitos.*

máquina, era uma conseqüência da Revolução Industrial. A publicação de produtos em série, a busca de novos mercados e as guerras provocadas para conquistar esses mercados eram os sinais dessa época, em que começou a real globalização. Os temas científicos estavam em voga e a chegada do homem à Lua, graças aos livros de Verne e de Wells, era matéria de especulações.

Delas se nutriu Méliès. Verne havia lançado uma série de idéias sobre mundos a serem explorados em suas Viagens Extraordinárias. Os irmãos Lumière inventaram o aparelho de projeção para uma platéia (existiam outros de uso individual) e enviaram por todo o planeta cinegrafistas que colhiam notícias recentes de países pouco conhecidos. Méliès completou a tarefa e levou a "Viagem à Lua" ao seu público. Ele não se importou

com os fatos científicos, o que queria era divertir-se – e carregou na fantasia. Méliès era um mágico ilusionista reconhecido e percebeu que o cinematógrafo vinha em seu auxílio.

A Revolução Industrial foi mãe e testemunha da aparição da fotografia e logo depois do cinema, que é a fotografia em movimento. Então, se acreditava na absoluta verdade do que era mostrado numa foto. Os Lumière criaram a primeira ficção, a primeira comédia e também o primeiro roteiro de cinema em *L'arroseur arrosé*. Mas até aqui a situação continuava sendo realista. Méliès

chegou para dar vida ao gênero fantástico do cinema. Mas a sua maneira.

Tomando partido da "objetividade" da fotografia mas com movimentos decididamente teatrais, Méliès recriou livremente e com ironia uma viagem à Lua tal como estava no imaginário dos franceses da época.

A história começa com astrônomos, que são anciões meio excêntricos. A linha entre a sabedoria e a loucura não é muito clara, coisa que os espectadores devem ter percebido. Lembremos que o cinema era um recém-nascido, e, para os entendidos em arte, não podia aspirar a esta categoria, pois era uma diversão para o populacho ignorante. Para eles, o espírito irreverente e jocosos de Méliès não tinha valor e era menosprezado.

Após o disparo com o gigantesco

canhão – isso sim, inspirado em Verne – chega o melhor do filme: a alunissagem e a aventura na superfície lunar. Naquele tempo, a linguagem cinematográfica era insipiente. Não havia movimento de câmera. Porém, Méliès usou sua genialidade movendo a cara da Lua até a câmera e arrematando com uma cena muito de seu estilo, com um projétil acertando o olho da Lua.

A exploração da Lua se deu como na África deste mesmo imaginário (sobre isso, recentemente um estudante congolês na Bélgica pediu que se retirasse de circulação a história Tintin no Congo devido ao seu tom racista). Os viajantes, em roupas comuns são ameaçados pelos selenitas, que se comportam como selvagens e os levam prisioneiros perante o Rei da Lua, de quem acabarão fugindo e voltando a Terra, seu lugar.

O argumento, creio que propositadamente ingênuo, revela os temores que existiam na imaginação do público, talvez porque, como disse Jean-Luc Godard, um filme de ficção é o documentário de sua própria filmagem. Nesta, tudo que é estranho, como os selenitas ou as plantas exóticas, parecem perigosos. Uma visão que seria exacerbada depois por vários filmes do gênero – norte-americanos em sua maioria. Um caso à parte são os efeitos especiais idealizados por Méliès: as transições entre as cenas, a passagem dos dias e das noites na Lua, a maneira como os selenitas são pulverizados, o movimento do barco salvador do final, são alguns dos exemplos de sua fecunda imaginação.

Não se deve desmerecer o poder visionário de Verne, do qual há provas concretas. Mas diante da dúvida se o homem verdadeiramente pisou na Lua, prefiro, como Melies, jogar-me nas águas tranqüilas da ilusão e agradecer a Verne por haver levado-me em suas Viagens Extraordinárias com a imaginação ●



*Os primeiros passos do homem na Lua de acordo com o filme do cineasta gaulês.*

### Uma viagem à Lua

**Direção:** George Méliès.  
Argumento baseado nas novelas “Da Terra à Lua” de Jules Verne e “Os primeiros homens na Lua” de H. G. Wells.  
**Produção:** George Méliès.  
**Produtora:** Star Films.  
**Fotografia:** Michaut e Lucien Tainguy.  
**Cenários:** Claudel e George Méliès.  
**País:** França.  
**Formato:** Branco e preto (1,33:1). Mudo. 35 mm.  
**Gênero:** Ficção-Científica.  
**Duração:** 50 minutos  
**Rolo:** 257,56 metros.  
**Estréias:** 1 de setembro de 1902 em França  
4 de outubro de 1902 nos Estados Unidos.



Georges Méliès foi um dos pioneiros da direção cinematográfica, logo após seus próprios criadores, os Irmãos Lumiere. Nasceu a 8 de dezembro de 1861 em Saint-Martin de Paris. Era filho de um empresário dos calçados, sendo obrigado por sua família a participar neste negócio. Se encarrega, então, da manutenção e reparo do maquinário, adquirindo as habilidades mecânicas que posteriormente se mostraram tão úteis. Quando em 28 de dezembro de 1895 Meliès assiste, convidado pelos Lumiere, à primeira apresentação do cinematógrafo, decide-se rapidamente a adquirir uma máquina dos Lumiere, os quais se negam. Então opta por construir, a partir de outros artefatos, sua própria máquina cinematográfica. Criador de cerca de 500 filmes, a paulatina transformação da indústria (monopolizada por Edison nos EUA e Pathé na França), junto com a chegada da Primeira Guerra Mundial, afetaram seu negócio, que entrou em declínio irreversível. Suas criações caíram em um relativo esquecimento, mas na década de 30 começou uma corrente de reconhecimento do gênio de Méliès.

## Pierre Jean - Capítulo 1

Tradução: Estela dos Santos Abreu

Fazia meses que o canhão de alarme não causava terror no porto de Toulon; os condenados às galés, sob vigilância reforçada, fracassavam em suas tentativas de fuga, e os mais audaciosos recuavam diante dos obstáculos intransponíveis.

Não porque o engenhoso amor à liberdade tivesse esmorecido no coração dos prisioneiros, mas um estranho desalento parecia torná-los mais pesadas as correntes. Aliás, alguns guardas, acusados de negligência ou de traição, haviam sido dispensados da chusma<sup>1</sup>, e, por uma questão de brio, seus substitutos mostravam-se mais severos na vigilância. O delegado das galés estava muito satisfeito com esse resultado, embora continuasse atento à segurança; em Toulon, as fugas são mais freqüentes e mais fáceis do que em qualquer outro porto; a aparente acalmia podia portanto dissimular um plano secreto

É do feitio do pessoal da justiça executiva ficar remoendo, na ausência do crime, sua eventualidade; devem vigiar, quando não estão perseguindo, e crêem-se obrigados - caso lhes faltem fatos a reprimir - a interrogar a criminalidade do silêncio.

No mês de setembro, uma rica carruagem parou diante do palacete do vice-almirante; um homem de trinta e cinco anos desceu: era o Sr. Bernardon, abastado comerciante recém-estabelecido em Marselha.

O rosto sério do homem aparentava mais idade do que constava em sua certidão de nascimento; o sofrimento da infância ainda transparecia na

<sup>1</sup> *Chiourme, em francês, palavra antiga que designa o conjunto de presos num presídio, neste caso, o próprio presídio.*

fronte vincada de rugas precoces; sua coragem vencera outrora a fatalidade; seu espírito desprezava os preconceitos sociais, e era com a mesma franqueza que apertava a mão dos pequenos e dos grandes contanto que, na grandeza ou na humildade, fossem honestos!

O Sr. Bernardon era o único responsável pela própria riqueza; de origem modesta, alcançara elevada posição; muito considerado em Marselha, tinha negócios que o faziam lidar com personalidades importantes.

Mesmo assim, das lutas na juventude contra a adversidade restara-lhe uma fria desconfiança do outro; preferia a solidão, na qual sua família e ele se mantinham à parte, de forma que sua atividade comercial nunca lhe impusera relações mundanas. Viajou para Toulon sem estardalhaço nem precipitação, a pretexto de negócios de família.

Trazia uma calorosa carta de apresentação, dirigida ao vice-almirante. Este o recebeu com afabilidade e perguntou-lhe o motivo da visita.

- Senhor - respondeu o marselhês -, venho pedir-lhe uma coisa muito simples.

- Esteja à vontade.

- Gostaria de fazer uma visita completa às galés de Toulon.

- Senhor - retorquiu o vice-almirante -, nem era necessária a recomendação do prefeito; um homem do seu valor dispensa apresentações.

O Sr. Bernardon inclinou-se e, agradecendo ao vice-almirante o obséquio, perguntou quais as formalidades exigidas.

- É só o senhor dirigir-se ao primeiro major da marinha, e seu desejo será atendido.

O Sr. Bernardon despediu-se, pediu que o levassem até ao major e logo obteve licença para entrar no arsenal. Quis realizar a visita imediatamente; um ordenança o acompanhou até o delegado das galés, que se colocou a seu dispor. O marselhês agradeceu, mas disse preferir fazer a visita sozinho.

- Como o senhor desejar - respondeu o delegado.

- Posso dirigir a palavra aos condenados?

- Perfeitamente, senhor; os ajudantes estão avisados. Sem dúvida o que o traz aqui são intenções filantrópicas?

- Sim, senhor - respondeu sem hesitar o Sr. Bernardon.

- Estamos acostumados com esse tipo de visita - replicou o delegado.

- Felizmente o governo procurou melhorar o dia-a-dia nas galés, e hoje a situação dos condenados já apresenta sensíveis diferenças.

O marselhês se inclinou.

- Não é fácil manter a justiça em tais circunstâncias; se, por um lado, não devemos exagerar o rigor da lei, por outro, temos de nos prevenir contra os filantropos ultramoderados que, diante do castigo, esquecem o crime! Em suma, sabemos que a justiça imparcial é feita de moderação.

- O senhor tem toda a razão - respondeu o Sr. Bernardon -, e, se minhas observações forem de algum interesse, saiba que terei muita satisfação em passá-las ao senhor.

Os dois homens se separaram, e o marselhês dirigiu-se para o lado das galés.

O porto militar de Toulon é formado principalmente de dois imensos polígonos, cujos lados setentrionais custeiam o cais: um,

que se chama Darsel Nova, fica a oeste do outro, chamado Darse Velha. Os lados desses redutos, que prolongam as fortificações da cidade, são uma espécie de grandes diques feitos para conter longas construções, como as oficinas de máquinas, as casernas, os armazéns pertencentes à marinha. Cada uma dessas bacias tem, na parte sul, uma abertura suficiente para a passagem de navios de alto bordo. Essas bacias poderiam ter-se transformado em comportas se o nível constante do Mediterrâneo, pouco sujeito a variações de maré, não lhes tivesse tornado inútil o fechamento. A Darse Nova é cercada a oeste por armazéns e pelo parque de artilharia, e, ao sul, à direita da entrada que dá para a pequena baía, pelos cárceres.

São dois prédios que se encontram perpendicularmente; o primeiro, na frente da oficina das máquinas a vapor, é voltado para o sul; o segundo fica defronte à Darse Velha e é continuado pelas casernas e pelo hospital; independentemente das três salas que esses prédios contêm, há três cárceres flutuantes. Nestes vivem os presos que cumprem pena com duração determinada, enquanto os condenados à prisão perpétua ficam encarcerados nas salas.

Se há um lugar onde não deve existir igualdade, é no presídio; as diferenças de castigo, que decorrem do grau de perversidade da mente, deveriam levar em conta distinções de casta e de nível! Os condenados de qualquer espécie, idade e delito são vergonhosamente misturados,

e essa deplorável promiscuidade só pode gerar uma hedionda corrupção: o contágio do crime provoca estragos nefastos nesses grupos gangrenados, e o remédio torna-se inútil quando o mal contamina o sangue e a inteligência.

As prisões são relegadas, é evidente, à extremidade do arsenal, o mais longe possível da cidade.

As galés de Toulon contavam então com cerca de quatro mil

seções, trabalhavam no porto, na lastração, no deslastre e reboque de navios, na limpeza e transporte das bóias, no desembarque de madeira para mastros e construção, etc.; outros ainda, se não estivessem doentes, eram enfermeiros, ajudantes de tarefas especiais ou condenados à corrente dupla por tentativa de fuga.

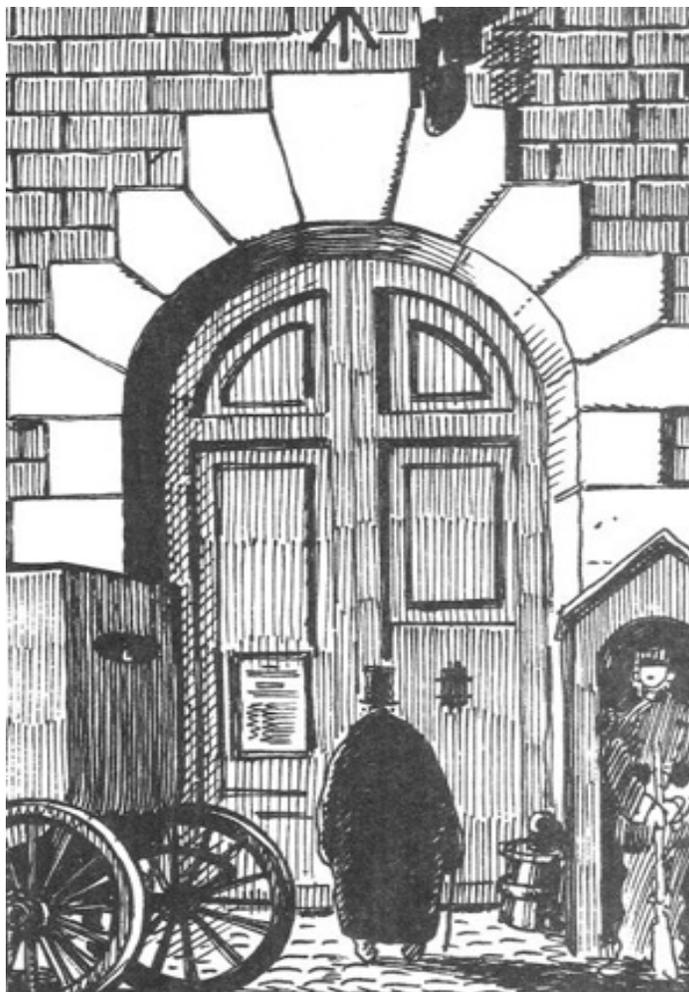
Dava meio-dia e meia no relógio do arsenal quando o Sr. Bernardon se dirigiu para as bacias das docas; o porto estava deserto; os condenados, que costumavam sair das salas ao nascer do sol, haviam trabalhado nas diversas tarefas até às onze e meia; o sino os havia então chamado para as respectivas prisões; cada um recebera um pão de novecentos e dezassete gramas, ou trezentos gramas de bolachas de marinheiro, e quarenta e oito centilitros de vinho. Os condenados à prisão perpétua tinham sentado no banco, e o esbirro<sup>3</sup> logo os havia acorrentado; os outros presos podiam andar livremente pela sala. Ao assobio do ajudante, eles se acoraram em torno de gamelas que continham uma sopa feita, todos os dias do ano, de favas secas. Esse era o trivial, e os infelizes só tinham direito à ração de vinho nos dias de trabalho mais pesado.

Retomavam as tarefas à uma hora e só largavam às oito da noite: eram então reconduzidos às prisões e deviam encontrar o sono no chão das plataformas flutuantes ou nas enxergas dos cárceres em terra, dispondo apenas de um pedaço grosseiro de lã cinzenta para enfrentar o frio e a dureza do leito ●

condenados; a seção administrativa, as construções navais, a artilharia, o armazém geral, as construções hidráulicas e os prédios civis ocupavam três mil destinados à fadiga<sup>2</sup>. Outros, que não eram requisitados por essas cinco grandes

<sup>2</sup> *Fatigue, no original. Termo marinho. Refere-se ao trabalho dos presidiários fora da prisão, no porto de mar.*

<sup>3</sup> *Termo pejorativo para designar a polícia*



## A primeira carta conhecida de Jules Verne

Tradução: Ariel Pérez

Nantes, [Segunda-feira] 12 de Dezembro de 1842<sup>1</sup>

Minha querida mamã,

Soube pelo papá que estás bastante bem; é natural que agora estejas cansada. Gostaria muito de te ver, mas, minha querida mamã, não te incomodes em vir ver-me, é muito longe para ti.

Espero com muita impaciência o momento em que te poderei dar amostras de ternura. Mas, por agora, só te poderei dar por escrito, acredita, querida mamã [duas palavras ilegíveis] que os meus maiores desejos são para a tua completa recuperação. Que outra coisa podia pedir um menino que tanta falta sente da sua mãe? Agora vou-te falar de mim e do meu irmão. O Paul está com gripe como o papá, que nos veio ver ontem, penso que já te dito. Não nos falta nada. Sobre mim, os sapatos que me mandaste não me cabem nos pés pois as palmilhas que lhe puseram faz com que os sapatos fiquem muito apertados. Ainda não nos tinham dado lugar quando o papá esteve aqui ontem mas hoje deram-nos a classificação escolar e fui sétimo. Mamã, esqueci-me de pedir ao papá que me trouxesse um esquadro, peço-te que lho digas. Já agora que me mande também o livro "Adeus meu belo barco" para copiar pois o meu professor desejaria tê-lo e perguntou-me se o tinha.

Adeus, minha querida mamã, quero-te e abraço-te com todo o meu coração e espero ver-te rapidamente sã. Vou pedir a Deus.

Teu filho que te quer carinhosamente,  
Jules Verne

P.D. Saudações ao papá, às minhas irmãs, à minha tia e à criada que espero que cuide bem de ti. Soube, com muita alegria, que o tio já estava curado dos olhos<sup>2</sup>.

C  
a  
r  
t  
a  
s  
d  
e  
J  
u  
l  
e  
s  
V  
e  
r  
n  
e

1 A carta foi escrita logo após saber do parto da sua irmã Marie, em 4 de Dezembro de 1842. Jules era aluno em Saint-Donatien.

2 Trata-se, sem dúvida, de Auguste Allotte de La Fûye (1808-1876), tio pela parte da mãe de J.V. (nota de Piero Gondolo della Riva)

Esta carta foi a primeira que se sabe, escrita por Jules, aos 14 anos e está dirigida à sua mãe. Foi traduzida especialmente para esta primeira edição da revista. A epístola, que tem vários erros ortográficos, foi publicada no livro de Olivier Dumas, *La vie et la œuvre de Jules Verne*. A leitura das cartas originais do escritor contribui para um testemunho inestimável para todo o fã verniano. Além do manifesto interesse que pode ter para todos os admirados da obra genial do escritor, o conjunto desta correspondência formam um documento histórico, um reflexo de uma época, o manifesto da vida de um estudante no século XIX ●